

Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura?

Mirian H. Y. Zappone

UEM



Introdução

O objetivo deste texto é discutir uma concepção de letramento literário, partindo de alguns conceitos-chaves partilhados por estudos lingüísticos que trabalham com questões de letramento. A partir desse referencial, pretende-se problematizar o conceito de literatura, compreendendo-a enquanto formas ficcionais híbridas. A título de exemplificação, será discutido o caso das *fanfics* enquanto uma das tantas formas ficcionais híbridas presentes no mundo contemporâneo.

Kleiman (2004) define o termo letramento do seguinte modo:

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (KLEIMAN, 2004, p.19).

Observando o conceito de letramento apresentado por Kleiman (2004), podemos notar que, efetivamente, ele envolve muitos tipos de usos da escrita, já que há inúmeras práticas sociais que usam a escrita e há inúmeros objetivos para os quais essas práticas podem ser efetuadas nos mais diversos contextos. Logo, podemos inferir que o letramento é um fenômeno muito amplo e que não está restrito apenas ao circuito escolar, ao espaço da escola.

Um aspecto importante que se pode apontar com relação ao letramento existente na escola é que ele possui uma característica particular: tal modelo enfatiza sobretudo o texto escrito, considerando-o uma *forma autônoma*, pois a escrita é entendida como produto completo em si mesmo, e cujos significados independem de seu contexto de produção, já que o funcionamento lógico da escrita e o modo como as palavras se articulam são considerados aspectos suficientes para que as pessoas interpretem o escrito. Por isso, o letramento escolar foi caracterizado por Street (1984) como um *modelo autônomo de letramento*, já que todas as atividades com a escrita propostas neste ambiente são feitas com base no texto, de

modo que esse é considerado suficiente para produzir um significado que está nele presente e corporificado.

Fora do espaço escolar, entretanto, podemos observar outras formas de letramento, ou seja, outros usos da escrita em contexto diversos como os da família, de comunidades religiosas, do ambiente de trabalho das pessoas, de associações ou clubes, das relações sociais, etc. Observando esses diferentes modos de letramento, Street (1984) procurou mostrar que todas as práticas de letramento são conseqüências da cultura e das estruturas de poder de uma sociedade onde o indivíduo se situa. Por isso, as práticas de letramento mudam segundo o contexto em que se desenvolvem. Assim, ao descrever ou caracterizar essas outras práticas de letramento, Street (1984) as nomeou de *modelo ideológico de letramento*. Ele assim o fez, pois considerou que os significados que a escrita assume para os grupos sociais dependem do contexto e das instituições onde a escrita foi adquirida. Para ele, o(s) sentido(s) de um texto não está(ao) materializado(s) em sua forma; eles dependem dos contextos e das instituições em que a escrita é adquirida e praticada. Portanto, as práticas de letramento são aspectos da cultura e das estruturas de poder. Como se pode notar, o modelo ideológico proposto por Street (1984) acaba se contrapondo ao modelo autônomo existente na escola, que considera os significados dos textos como uma mera função do modo de organização interna que os textos possuem.

Por um conceito de letramento literário

A apropriação do conceito de letramento ao campo dos estudos literários pode ser pertinente, se operarmos uma modulação fundamental: trabalhar com a escrita mencionada no conceito, mas compreendida dentro de algumas especificidades concernentes aos textos literários. Assim, podemos acatar o conceito de letramento nos estudos literários, propondo a noção de *letramento literário* enquanto o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária.

Como condição para apropriação do conceito, é preciso que se estabeleça a especificidade da escrita a que nos referimos quando falamos em letramento literário. Sabendo que o terreno das definições e conceituações é sempre movediço, acata-se, nesta situação, a sugestão de Hansen (2005), que procura compreender a literatura a partir de um traço fundamental: o seu *caráter de ficcionalidade*, já que antes de outras especificidades apontadas pela crítica ao longo da história, o literário está presente num texto quando é possível lê-lo como sendo o resultado de um ato de fingir:

[...] suas asserções [do discurso literário] não implicam a identidade entre o discurso e a materialidade das coisas e dos estados de coisas figurados nele. A materialidade das coisas é posicionada, situada, perspectivada ou dramatizada: o texto efetua uma materialidade auto-referencial ou pseudo-referencial, pois a existência real das coisas ou eventos representado nele não é pertinente para sua significação. (HANSEN, 2005, p.19).

Assim, o tipo de escrita que interessa aos estudos literários demarca-se como uma escrita imotivada, gratuita, cuja marca fundamental seria a ficcionalidade que se opera por diversas formas de figuração mimética (dramática, lírica, narrativa, épica) que se caracterizam por formas enunciativas com traços específicos.

Além do caráter de ficcionalidade, a escrita literária pode ser compreendida não apenas como aquela materializada por meio do impresso, do grafado, mas como uma *forma discursiva*, enunciativa, que possui certos traços textuais e que pode ou não ser veiculada por meio do escrito. Muito embora o conceito de literatura tenha se desenvolvido a partir de um repertório quase sempre veiculado por meio de materialidades que suportam a escrita, o propósito desse texto é trabalhar com outros suportes de escrita que comportam certos gêneros de escrita ficcional. Para tal, é preciso que se estabeleça uma diferenciação entre escrita e escrito.

Rojo compreende o *escrito* como a grafia ou materialização da palavra falada, ao passo que a *escrita* relaciona-se à noção de texto, ou seja, trata-se de um texto que possui uma autonomia em relação à palavra falada, já que tem uma significação que pode emergir de seu modo de construção e que se põe em relação a outras enunciações. Assim, a escrita deve ser entendida em seu plano enunciativo ou discursivo e “não apenas a partir de sua materialidade gráfica.” (2006, p.54). Balizando sua discussão sobre escrita e oralidade sob esse viés, Rojo mostra que ambas se diferenciam basicamente pela “relação que o sujeito enunciativo estabelece com os parâmetros da situação social e material de produção enunciativa (lugar de enunciação, interlocutores, temas, finalidade da enunciação).” (*Ibid.*, p.55). Na fala, tal relação é de *implicação* do locutor na situação de produção e de *conjunção* de mundos de referência, ao passo que,

na escrita, há uma autonomia do locutor em relação à situação de produção e de *disjunção* entre os mundos de referência da situação de produção. Entendendo a escrita e a oralidade (língua falada) por uma perspectiva enunciativa, Rojo compreende que há inúmeras relações entre oralidade e escrita:

Nessa perspectiva enunciativa, de que “língua falada” e da apropriação de que “escrita” ou letramento estamos falando? Abre-se aqui, de imediato, uma multiplicidade enorme de relações entre os orais e os escritos, pensados estes discursivamente e não mais na simplicidade de suas materialidades básicas (som e grafia). Falar, então, da escrita seria falar da multiplicidade de escritos que circulam em esferas privadas e públicas e que mantêm relações complexas com os orais que também circulam nestas esferas, em diferentes situações. (*Ibid.*, p.56)

Observando, portanto, que oralidade e escrita se aproximam, a autora mostra que parecem infundadas as posições que separam radicalmente o oral e a escrita, pois, discursivamente, entre ambos há “relações complexas de hibridização de gêneros e de modalidades.” (*Ibid.*, p.68). Assim, indiferentemente de ser veiculada pelo som ou por uma materialidade impressa ou grafada, o que caracteriza a escrita é sua natureza discursiva ou enunciativa. Em muitos casos, inclusive, como salienta a autora citada, entre elas há uma série de convivências. Além de o literário ser compreendido, para efeito da construção do conceito de letramento literário, como uma produção demarcada pelo aspecto da ficcionalidade, por suas características discursivas que, inclusive, abarcam outras formas não exclusivamente escritas, seu conceito se especializa, também, em função do tipo de relação que estabelece com seu público, a saber, uma relação de gratuidade que gera o prazer ou alguma motivação lúdica, tal como pressupõe Escarpit:

É claro que não definimos a literatura por nenhum critério qualificativo. O nosso critério permanece o que nós chamaríamos a aptidão à gratuidade. É literatura toda a leitura não funcional, quer dizer, que satisfaça uma necessidade cultural não utilitária. (ESCARPIT, 1969, p.36).

Assim, para ser caracterizada como literária, a escrita ficcional precisa estabelecer com seus públicos uma relação de gratuidade. Para o autor, é a natureza das relações estabelecidas entre os textos e seus consumidores que permite situar as leituras como leituras literárias ou não. Assim, “na medida em que permite a cada um evadir-se, sonhar ou, pelo contrário, cultivar-se, gratuitamente, tudo o que é escrito pode tornar-se literatura.” (*Ibid.*, p.38).

Escarpit refere-se ao escrito enquanto textos verbais materializados de forma impressa. Entretanto, propomos a mesma modulação feita anteriormente – a de compreender a escrita literária enquanto modalidade discursiva – e, nesse caso, aderimos ao posicionamento

de Escarpit que, ao apresentar uma definição mais ampla de literatura, chama atenção para a atitude de gratuidade entre os textos e seus públicos.

Para a apropriação do conceito de letramento aos estudos literários, estabelecemos a pertinência do sintagma *letramento literário*, sendo esse compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita ficcional ou escrita literária enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos e para objetivos específicos. A escrita literária foi conceituada por meio do estabelecimento de três aspectos: 1) a presença de ficcionalidade; 2) a caracterização da escrita enquanto uma modalidade discursiva própria, presente não apenas em textos escritos (grafados ou impressos), mas em modalidades híbridas que associam sons, imagens, movimentos, etc.

Letramento e educação literária

Apresentados esses pressupostos, podem ser feitas algumas colocações sobre letramento literário. Uma primeira observação refere-se ao fato de que, considerando a origem dos estudos de letramento e suas articulações teóricas, o letramento literário não pode ser considerado apenas como o estudo das práticas sociais de leitura do texto literário ou, como tem se tornado ponto comum em estudos que têm discutido o tema (PAIVA et al., 2003), os usos sociais ou públicos de leitura da literatura. É preciso matizar melhor tais conceitos. Uma primeira sugestão nesse sentido seria pensar o conceito de letramento aplicado aos estudos literários, observando-se algumas de suas características:

1. O letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária. Isso equivale a dizer que, embora o conceito de literatura tenha sido construído no seio da cultura burguesa, particularmente por classes abastadas que, por meio tanto da produção quanto do consumo de certos textos, produziram certo gosto e sensibilidade relativos aos textos, não são apenas os textos que pertencem a essa tradição – ocidental, eurocêntrica, masculina, branca – que podem figurar como suportes para literário. Se o letramento literário conjectura práticas que usam a escrita literária, pensada como um gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal, é possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a Internet, a contação de histórias populares, de anedotas, etc.

2. Como o letramento implica usos sociais da escrita, saindo da esfera estritamente individual, infere-se que o letramento literário está associado a diferentes domínios da vida (o letramento implica usos da escrita literária para *objetivos específicos em contextos específicos*) e, nesse

sentido, seria interessante pensar em quais contextos ou espaços sociais podem ser observadas essas práticas de letramento literário que são plurais. Assim, alguns usos sociais poderiam ser assinalados por: 1) pela presença de formas ficcionais em outras mídias, diferentes do livro impresso, tais como adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, usos da escrita ficcional no ciberespaço, tal como as *fanfics*, etc; 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia; 3) pela leitura de textos não canônicos sobre a qual pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances cor-de-rosa, por exemplo, leitura de best-sellers e outros textos ficcionais que estão à margem do letramento literário escolar, etc), mas que já começa a ser estudada com mais ênfase por historiadores da leitura e do livro; 4) por apropriações de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, mas que funcionam como tal diante de certos públicos que deles se apropriam numa atitude de gratuidade, estabelecendo com eles uma relação de ficcionalidade e de gratuidade, tais como matérias jornalísticas, depoimentos, biografias, etc.

3. Como as práticas de letramento e, conseqüentemente, as práticas de letramento literário são “enformadas”, padronizadas ou determinadas pelas instituições sociais e pelas relações de poder, nota-se que há formas de letramento mais dominantes, mais valorizadas e influentes do que outras. No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas. Sobre tal questão, os modelos de letramento apresentados (autônomo e ideológico) podem ser muito operacionais para se compreender formas tradicionais, mas também outras práticas de letramento literário.

4. O letramento e o letramento literário são historicamente situados. Quando se observa na conceituação de letramento que os usos da escrita são práticas sociais, deduz-se que tais práticas são efetuadas ou realizadas por indivíduos ou grupos que se constituem como identidades sociais distintas, específicas. Por isso, como tais práticas são realizadas por identidades diferentes, os modos de fazer uso da escrita literária e sua leitura também são diferenciados, pois são construídos historicamente e socialmente. Isso pode ser facilmente observado, por exemplo, em comunidades minoritárias, onde a orientação de letramento é bastante diferente de grupos majoritários. Para certa comunidade, a leitura de textos poéticos pode não fazer sentido e, por isso, nem serem conhecidos textos poéticos, ao passo que formas ficcionais veiculadas pela televisão podem constituir grande fonte de evasão. Significativo para a compreensão dos diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações e contextos que os determinam, tais como nível de escolaridade dos indivíduos, formas de exposição ao

escrito, o contato com e o uso de diferentes tecnologias, a própria valorização do escrito, enfim, um conhecimento das orientações de letramento de diferentes grupos sociais que podem se distinguir por relações culturais, econômicas, tecnológicas, étnicas, de gênero, etc.

Como se nota, o conceito de letramento, aplicado ao estudo da literatura, mostra-se bastante fértil, pois permite uma compreensão do literário situada para fora dos domínios estritamente ligados ao texto escrito e abre perspectivas para o estudo de variados aspectos relacionados ao modo como os indivíduos se relacionam com a escrita ficcional. Conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola bem como as práticas de letramento literário presentes em diferentes lugares sociais pode contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para a formação de indivíduos com graus de letramento e de letramento literário cada vez maiores. Nesse sentido, entende-se que a educação literária abarca não apenas o preparo do estudante para interagir com textos escritos já consagrados pela historiografia, mas também seu preparo para leitura de outras formas ficcionais que permeiam sua cultura e seu tempo.

Pensando nesses aspectos sobre educação literária, especificamente sobre o letramento literário, passa-se a caracterizar as *fanfics* enquanto uma modalidade de escrita ficcional presente no ciberespaço, a fim de caracterizá-la como uma escrita literária presente na cultura contemporânea.

As *fanfics* como modalidade de escrita ficcional que patrocina letramento literário

Ao adotar o conceito de escrita ficcional enquanto formas ficcionais presentes não apenas em suportes impressos ou grafados, cujos traços comuns residem em aspectos discursivos e que estabelecem com seus públicos uma relação de gratuidade, produzimos uma modulação no conceito de literatura de modo que o conceito passa a abarcar produções culturais presentes em outros suportes de linguagem. Como assinala Escarpit, o conceito moderno de literatura que se formou no século XVIII parece ser muito delimitado para englobar as produções culturais advindas do uso de novas tecnologias, mesmo no momento histórico, década de 60, no qual falava o autor:

O fato é que o conceito de literatura que empregamos, e por meio do qual averiguamos o fato literário, está mal adaptado ao presente. Nascido no século XVIII sob a pressão de certas circunstâncias – ascensão da burguesia à cultura erudita, industrialização da livraria e aparecimento do homem de letras profissional –, este conceito pode dar com rigor uma imagem nítida, ainda que deformada, dos séculos anteriores [...], mas é cada vez menos capaz de conter o presente nos seus limites demasiado estreitos. (ESCARPIT, 1969, p.212).

Assim, diferentes formas ficcionais podem ser verificadas hoje: cinema, teatro, séries televisivas, vídeo-clipes, etc que podem se tornar alvo de estudos e pesquisas na área de Letras. A fim de exemplificar as idéias aqui aventadas, segue uma descrição bastante sumária e incompleta das *fanfics*. Designam-se como *fanfics* as produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou uma certa personagem. Há, também, blogs que se dedicam a desenvolver histórias paralelas para personagens originais cujas trajetórias de vida são discutidas em fóruns e emails entre os interessados. Elas aparecerem recorrentemente no ciberespaço, compreendido aqui no sentido que lhe concede Lévy: “O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.” (1999, p.17). O autor trabalha também com o conceito de cibercultura, tratando-o como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (*Ibid.*, p.17).

Embora Lévy tenha descrito várias características da produção cultural e sobre o modo como elas se constituem no ciberespaço, a discussão desse texto volta-se para a caracterização das *fanfics* enquanto um exemplo de prática de letramento literário. Trabalha, portanto, essa produção a partir das três características da escrita ficcional elencadas anteriormente.

Inicialmente, a *fanfic* caracteriza-se pelo seu traço de ficcionalidade. Entrelaçando imagens e formas verbais, ela remete a um universo ficcional no qual figuram atores tal como numa narrativa veiculada por meio do impresso. Ao representar um universo ficcional, uma *fanfic* situa-se como uma narrativa literária, pois evoca diferentes situações espaço-temporais, configurando uma história ou fábula que representa ou mimetiza situações reais ou ao menos que figuram no imaginário coletivo das comunidades que acessam o ciberespaço.

Como outra característica, as *fanfics* representam a produção e o consumo de uma modalidade discursiva que tem, em muitos casos, como traço principal, a função de narrar. Do mesmo modo que as narrativas literárias, elas também podem ser analisadas sob a dicotomia básica da narrativa proposta por estruturalistas como, por exemplo, Genette (s/d), ou formalistas, como Tomachevski (1971), que supõem o plano da história e o plano do discurso narrativo ou da fábula ou da trama. Assim, a história ou narrativa evocada em uma *fanfic* possui, para além de si mesma, recursos peculiares de apresentação de sua fábula. Na narrativa literária tradicional, veiculada por meio do impresso, essas estratégias de narração trabalham normalmente com os elementos da narrativa, tais como personagens, recursos temporais (pausas descritivas,

analepses, *flashbacks*, elipses), diferentes posições do narrador em relação ao narrado, formas diferenciadas de apresentação do espaço, etc. Ao unir imagens, sons e movimentos, inferimos que o vídeo-clipe trabalha com idênticos elementos, embora o modo de figuração dos mesmos possa ser realizado por meio da associação de imagens, sons, cores, etc. Sobre essas formas de figuração, seriam interessantes trabalhos que pudessem mapear o modo de apresentação, de representação do universo ficcional nele construídos.

Finalmente, podemos abordar a relação de gratuidade estabelecida entre as *fanfics* e seus públicos. Por fazerem parte do ciberespaço, elas compartilham com seus usuários, produtores e receptores, uma situação de comunicação perpassada pela gratuidade. Como o advento dos computadores deu-se num contexto privado, quase sempre, a utilização desses meios de comunicação deu-se não por motivos pragmáticos, mas por razões ligadas à evasão, ao deleite, a algum tipo de fruição. Isso não significa dizer que esse veículo só patrocine o lúdico, uma vez que também representa um meio de conhecimento, de informação. Entretanto, ao acessar um site de *fanfics*, o receptor o faz por uma curiosidade ou para satisfazer uma necessidade de evasão, de ficção, para a qual as *fanfics* constituem uma das tantas modalidades presentes no mundo contemporâneo.

Conclusão

As *fanfics* são apenas um dos vários objetos a partir dos quais se podem efetuar práticas de letramento literário. Ao discutir o conceito de letramento literário, procuramos evidenciar que o letramento literário ultrapassa os limites da escola e passa a ser observado em diferentes espaços. Comumente associado aos textos veiculados pela escola, que normalmente coincidem com a seleção canônica, o conceito de literatura tem, na perspectiva aqui apresentada, seus limites ampliados e passa a abarcar outras escritas ficcionais. Essas outras escritas, que se erigem sob suportes criados a partir de

tecnologias diferentes da linguagem grafada (escrito), comportam outros modos de produção e recepção que os estudos da literatura não podem negligenciar, sob a pena de se tornarem anacrônicos com relação às práticas sociais de uso da escrita ficcional realizadas pelos indivíduos no mundo contemporâneo. Nesse sentido, no campo do ensino, a educação literária tem muito a fazer se focar como seu objetivo a formação do leitor literário, ou seja, do leitor capaz de interagir e produzir sentidos pertinentes e críticos para a escrita ficcional que se prolifera multiforme, disseminada por diferentes tecnologias que vão do livro à tela do computador.

Referências

- ESCARPIT, R. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Arcádia, 1969.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, s/d.
- HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2005.
- KLEIMAN, A. B. Introdução: o que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.
- PAIVA, A. et al. (Orgs.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros de discurso? In: SIGNORINI, I (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 51-74.
- STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University, 1984.
- TOMACHESVKI, B. Temática. In: TOLEDO, D. O. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.